

A MULHER NA CONSTITUIÇÃO DO POVO BRASILEIRO: REFLEXÕES SOBRE A TRADUÇÃO PARA O INGLÊS DO DISCURSO DE DARCY RIBEIRO NA ESFERA DO FEMININO

AUTORES

Talita SERPA

Doutora em Estudos Linguísticos pela Universidade Estadual Paulista
Docente da União das Faculdades dos Grandes Lagos

Ana Lúcia PUIA

Mestre em Estudos Linguísticos pela Universidade Estadual Paulista

RESUMO

Nesse estudo, foram selecionados os termos e expressões relacionados ao sujeito feminino em língua portuguesa e seus correspondentes em língua inglesa, extraídos da obra *O povo brasileiro* de autoria do antropólogo Darcy Ribeiro; e da respectiva tradução, realizada por Gregory Rabassa. A metodologia utilizada fundamenta-se nos Estudos da Tradução Baseados em Corpus (BAKER, 1995, 1996; CAMARGO, 2007), na Análise do Discurso (AUTHIER-REVUZ, 1984; ORLANDI, 1986, 1993, 1994; PÊCHEUX, 1974), na Linguística de Corpus (BERBER SARDINHA, 2004; BIBER, 1998) e na Terminologia (Barros, 2004). Nota-se que ocorrem semelhanças e diferenças de uso entre os termos do corpus de estudo dos textos original e traduzido. Esses dados indicam, ainda, que o papel da mulher brasileira na linguagem antropológica apresenta variações e retomadas em ambos os idiomas.

PALAVRAS - CHAVE

Análise do Discurso. Linguística de Corpus. Antropologia da Civilização.

1. INTRODUÇÃO

O desenvolvimento da pesquisa antropológica no Brasil fundamentou-se no pressuposto da consolidação de um objeto de análise que fosse puramente nacional. Investigações anteriores marcavam-se pelo eurocentrismo que promovia a domesticação teórica. Na contramão dos modelos de estruturação da sociedade importados da Inglaterra e França, Darcy Ribeiro postulou a elaboração de uma área de pesquisa cujo foco fosse a sociedade brasileira analisada de dentro para fora. Para tanto, desenvolveu uma série de seis livros, intitulada *Antropologia da Civilização* (doravante AC).¹

Nessa série, o autor passou a trabalhar com uma pluralidade de causas e com uma multiplicidade de papéis sociais tipicamente brasileiros. Convencionou uma teoria que salientava a hipótese de manutenção das identidades étnicas para a confrontação das ideologias culturais e expôs os custos de um “processo civilizatório” marcado pela violência. Nesse contexto, inseriu também a leitura do papel da mulher na gestação de um povo novo, desvelando as etapas de dominação por meio das quais esse grupo social levou no ventre todo o desenvolvimento da “transfiguração brasileira”.

No entanto, ainda são inexistentes investigações que se concentrem no percurso discursivo que envolve a tradução para o inglês de termos e expressões associados aos conceitos que abarcam a ideologia da identidade da mulher nas obras do antropólogo brasileiro, o que evidencia a necessidade de se observar a natureza desse tipo de texto de especialidade por meio de uma articulação entre as concepções discursiva, tradutológica e terminológica.

Por conseguinte, nesse trabalho, realiza-se o estudo das relações de sentido que ocorrem nos cotextos² que circunscrevem amostras do uso de termos e expressões relacionadas aos valores identitários do conceito de mulher no Brasil, procurando, com isso, observar possíveis apagamentos ou explicitações para a construção da noção do feminino nacional criado por Darcy Ribeiro em seus textos traduzidos a outros idiomas. Destaca-se, desse modo, a importância de pesquisas interdisciplinares com o apoio da Análise do Discurso (PÊCHEUX, 1974; ORLANDI, 1995, 1999) dos Estudos da Tradução, dos Estudos da Tradução Baseados em Corpus (BAKER, 1993, 1995, 1996; CAMARGO, 2007), da Linguística de Corpus (BERBER SARDINHA, 2000, 2004; BIBER, 1998) e de alguns pressupostos da Terminologia (BARROS, 2004).

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Nesse tópico, serão abordadas as principais noções concernentes à Análise do Discurso e suas implicações para a Teoria da Tradução, procurando traçar uma relação com os Estudos de Corpus na tradução de termos associados à mulher no contexto da AC de Darcy Ribeiro.

2.1. A ANÁLISE DO DISCURSO

A Análise de Discurso, desenvolvida na França por Pêcheux e trabalhada no Brasil por Orlandi, além de relacionar a língua com seu exterior constitutivo, também concebe o discurso como palavra em movimento, como prática de linguagem em que se observa o indivíduo em sua realização de fala (ORLANDI, 1999). Não se toma a língua enquanto um sistema abstrato, mas sujeita a deslocamentos, rupturas e equívocos.

A linguagem, por sua vez, conforme afirma a teórica (1999), está materializada na ideologia e essa apresenta sua materialidade específica no discurso. Dessa forma, todo discurso estabelece uma relação com

¹ As publicações compreendem os trabalhos: *O processo civilizatório* (1968); *As Américas e a civilização* (1970); *Os índios e a civilização* (1970); *O dilema da América Latina* (1971); *Os brasileiros* (1972); e *O povo brasileiro: formação e sentido do Brasil* (1995).

² Entende-se por cotexto o texto ao redor da palavra de busca (BERBER SARDINHA, 2004, p. 105).

outras ideologias e, conseqüentemente, com outros discursos que estão presentes no momento da enunciação ou que se alojam na memória discursiva. Além disso, o discurso é constituído por palavras que já chegam até os indivíduos carregadas de sentidos. Esses não são controlados pelo sujeito, já que o atingem independentemente de sua vontade.

Foi pensando nesses já ditos que perpassam significativamente os discursos que Authier-Revuz (1990, p.27) trabalhou o conceito de heterogeneidade constitutiva, observando que “nenhuma palavra é ‘neutra’, mas inevitavelmente ‘carregada’, ‘ocupada’, ‘habitada’, ‘atravessada’ pelos discursos nos quais ‘viveu sua existência socialmente sustentada’.” Há, portanto, uma profusão de ditos que, além de relacionar a língua com um exterior que lhe é constitutivo, também marcam o lugar do outro, “mas um outro que não é nem o duplo de um frente a frente, nem mesmo o diferente, mas *um outro que atravessa constitutivamente o um*” (AUTHIER-REVUZ, 2004, p.25).

Ao se analisarem o funcionamento dos dizeres e dos sentidos produzidos por esses dizeres tanto em um contexto estrito, que inclui as circunstâncias de enunciação, quanto em um contexto amplo, que abarca o contexto sócio-histórico e ideológico, parte-se para o domínio das condições de produção do discurso que, necessariamente, estabelecem uma relação da língua com a exterioridade. Além disso, as condições de produção também estabelecem uma relação com as formações ideológicas que estão presentes na constituição das formações discursivas. É nas formações discursivas que as palavras têm seus sentidos determinados pelas posições ideológicas e sociais que se manifestam no discurso.

É ainda nesse universo de produção dos sentidos que a memória discursiva se faz presente. É na memória discursiva que um determinado enunciado tem a sua existência ligada pela repetição, pela paráfrase, em uma dada formação discursiva. É nessa memória também que os objetos do discurso, na forma de citação, de recitação, manifestam-se em conjunto com o processo de esquecimento.

Na constituição dos dizeres, também é colocado em evidência o funcionamento das formações imaginárias. Segundo Pêcheux (1995), as formações imaginárias são mecanismos discursivos que correspondem às relações de sentidos entre os discursos, às antecipações da posição do interlocutor e às relações de forças mediante a posição social da qual o sujeito fala. Além disso, Orlandi (1999) revela que, nas formações imaginárias, não são os sujeitos físicos que se manifestam no discurso, mas as suas projeções imaginárias. Vale dizer, ainda, que as formações imaginárias também são produzidas diante de um contexto sócio-histórico e diante do domínio da memória discursiva. Assim, buscar-se-á observar quais imagens são retomadas, criadas ou reformuladas sobre a figura feminina e como elas contribuem para caracterizar a mulher de um ponto de vista histórico.

Partindo para a noção de sujeito discursivo, Pêcheux (1995) afirma que, além de ser constituído ideologicamente, ele também é produto da história, sofrendo, pois, determinação das diferentes formas de poder que são concretizadas discursivamente. Conforme defende Pêcheux (1995), o sujeito tem a impressão de dominar o seu dizer, sendo o seu único produtor. Isso, porém, faz com que ele se esqueça que se constitui pela ideologia e pela história.

2.1.1. IMPLICAÇÕES DA AD PARA A TEORIA DA TRADUÇÃO

A implicação da AD para os Estudos da Tradução remete-se, a princípio, à noção de texto, já que no processo tradutório ocorre a leitura do texto original (TO) na qual o tradutor se baseia, e a materialização de uma recodificação no texto traduzido (TT).

Teorias recentes como a dos Estudos da Tradução Baseados em Corpus, propostos por Baker (1992, 1993, 1995) abordam questões, como: a) o texto não carrega sentidos, mas os sentidos para um texto surgem do ato de interpretação o; b) o TT, assim como o TO, é um produto que resulta de um processo de transformação; e c) o texto – original ou traduzido – apresenta uma pluralidade de vozes.

Assim, ao se adotar a perspectiva da AD, constata-se que durante a leitura do TO, o tradutor não decodifica informações, na verdade produz sentidos. Com isso, produz um novo discurso, sobre a base das sistematicidades linguísticas da língua meta (LM). Esse discurso se materializará em um novo texto, que é o TT. O leitor da tradução, por sua vez, ao ler o texto não efetuará uma decodificação ou um resgate da mensagem posta pelo autor com as palavras do tradutor, mas também produzirá sentidos.

Na teoria de Authier-Revuz (1984), observa-se a língua como envolvida por um sistema de valores, por uma carga afetiva, o que determina as diferentes formas de recortar o real. A língua é a base sobre a qual se constituem as formações discursivas e os interdiscursos. Assim, os valores determinam o que pode ou não ser dito. Ao deparar-se com a língua estrangeira, o tradutor encontra outro sistema e outras determinações históricas, enfim, outro recorte do real.

O contato com a língua do TO é naturalmente intermediado pela língua da tradução, o que pode levar o sujeito-tradutor, assim como o sujeito-leitor, a pensar o TT como uma cópia de termo por termo. No entanto, o processo tradutório desfaz essa ideia, pois o tradutor depara-se sempre com as diferentes formas de relatar os elementos culturais das diferentes sociedades. Serrani Infante (1993, p.258) considera que “as línguas diferentes não são mero reservatórios de palavras diversas para as mesmas significações.”

Reafirma-se que as línguas utilizadas no processo tradutório são diferentes construções de discurso, diferentes formas de interação do sujeito com as formações discursivas. São lugares de possibilidade de repetição de discursos sedimentados e de inserção de novos discursos.

Serrani Infante (1998, p. 247) aponta, ainda, que quando o sujeito toma a palavra, ele ocupa um lugar e ao “tomar a palavra somos tomados pela língua, uma língua que tem um real específico, uma ordem própria.” Contudo, as diferenças dos idiomas não implicam na impossibilidade de traduzir. Para Aubert (1993, p. 40), “não se trata nem de afirmar um vínculo língua/visão de mundo inamovível, estática e uniformizante” nem de considerar a língua como um “mero instrumento, arbitrário e convencional no sentido banalizante desses termos, sem história e sem vicissitudes.”

A tradução é uma produção de sentido dentro de uma historicidade específica que marca a língua, o discurso e o texto. Nessa ordem de significação, a tradução é entendida pelas teorias atuais, tais como os Estudos de Corpus, como um texto independente que produz um efeito de sentido que lhe é próprio. No processo tradutório, os sentidos são produzidos entre todos os participantes: autor, tradutor como leitor, tradutor como autor, leitor da tradução e todos os outros eventuais leitores.

Assim, falar sobre o tradutor do ponto de vista da AD implica considerar a interpelação ideológica, que o constitui como sujeito através da sua relação com o sujeito de saber de uma formação discursiva

No que concerne à relação de sentido, os teóricos da tradução consideram que ocorre um choque entre o TT, idealizado sob a ilusão da estabilidade, e as traduções efetivas com suas reais dificuldades. Com isso, os pesquisadores tendem a conceber a existência de deslizamentos de sentido que são próprias das línguas em sua heterogeneidade e incompletude.

Na AD, a interpretação é compreendida como uma produção de sentidos. Dessa maneira, o tradutor produz sentidos quando lê o TO e quando produz o TT. Ele produz, mas não é fonte, pois os sentidos emergem do interdiscurso e se realizam no tradutor, sendo controlados pela formação discursiva com a qual o tradutor se

identifica e na qual se constitui como sujeito. E existe sempre a possibilidade de que o sentido sempre possa ser outro. Constituído na interpretação.

Quando se considera a tradução efetivada pela leitura, a leitura como produção de sentidos e a construção do sentido relacionada a condições sócio-históricas, fica claro que cada tradução é única, diferenciada e irrepetível.

Dessa maneira, processos tradutórios diferentes geram discursos diferentes que se materializam em diferentes textos. No contexto da AD, Orlandi (1996, p. 14) afirma que “diferentes versões de um texto, diferentes formulações constituem novos produtos significativos.” Para cada texto novo que resulta de um processo de tradução, existe uma materialidade de um novo discurso e, assim, novos sentidos.

Constrói-se, com isso, uma rede de formulações entre as quais os sentidos se multiplicam. Embora o tradutor ofereça um sentido possível em seu texto, ele não exclui outras escolhas enunciativas e isso porque estas outras formulações também são constitutivas de seu discurso.

Por fim, é possível afirmar também que a produção de sentidos está vinculada à posição do sujeito no discurso. Pêcheux salienta que “a questão da constituição do sentido, junta-se à da constituição do sujeito [...]” (PÊCHEUX, 1995, p. 153-154).

Termina-se por reconhecer que a ideia de sentido no processo tradutório, sob o ponto de vista da AD, é possível quando se considera o tradutor e todas as demais noções que envolvem o tradutor e as condições de produção: discurso, sentido, sujeito, interdiscurso, etc.

2.2. NOÇÕES DE LINGUÍSTICA DE CORPUS, ESTUDOS DA TRADUÇÃO BASEADOS EM CORPUS E TERMINOLOGIA

O arcabouço teórico-metodológico para pesquisas de TTs com base no uso da Linguística de Corpus foi, primeiramente, proposto por Baker em 1993. A autora considera que corpora são uma fonte de material que pode auxiliar na percepção de diferenças na linguagem da tradução e de textos originalmente escritos em dada língua.

O presente estudo faz uso de um corpus paralelo que corresponde ao corpus principal do TO e do TT. Corpora paralelos são definidos por Baker (1993, p. 238) como sendo “corpora de textos fonte e suas respectivas traduções”. A autora assume que, por meio dos Estudos da Tradução Baseados em Corpus, é possível considerar algumas características ou marcas no TT.

Recorre, ainda, a alguns pressupostos da Terminologia dado que lida com a AC como uma área de especialidade. Ao trabalhar com esse tipo de texto, o tradutor se depara com termos específicos e com uma linguagem adequada ao campo estudado. Nesse momento, Estudos da Tradução e Terminologia se entrecruzam e favorecem a prática tradutória.

Cabré (1999, p.177) enfoca a colaboração entre tradução e estudos terminológicos e a confluência que apresentam ao considerar a linguagem um material fundamental como sistema expressivo que reflete o conhecimento da realidade e que permite aos indivíduos relacionarem-se e expressarem os sistemas sócio-culturais de que fazem parte.

Finalmente, é importante destacar que, de acordo com Barros (2004), termos caracterizam-se por designarem conceitos específicos de um domínio de especialidade. Por sua vez, Baker (1992), salienta que as expressões tratam-se de expressões consagradas, referentes a determinado tipo de texto, e que permitem pouca ou nenhuma variação.

2.2.1. A INTERSECÇÃO DOS ESTUDOS DE CORPUS COM A AD

Essas reflexões associam-se, permitindo observar, por meio de dados léxico-terminológicos, como o processo tradutório constitui-se em um discurso materializado no texto da tradução, com especificidade a partir de um texto anterior, o TO.

É importante ressaltar que a AD foca em características da linguagem que estão na “fronteira das palavras”. Como resultado, os elementos discursivos são mais difíceis de identificar e analisar que questões puramente vocabulares ou gramaticais. No entanto, Biber (1998, p. 106) considera que as investigações baseadas em corpus e os estudos descritivos (entre eles a Teoria da Tradução) são relevantes para a AD, pois fornecem dados textuais de características que somente poderão ser compreendidas por meio de sua função no contexto de um discurso maior.

Para o teórico, muitos estudos do discurso identificam estruturas discursivas e exemplificam-nas com excertos de textos, ainda que seja difícil aplicar estas técnicas de uma maneira que permita resultados generalizados. Assim, embora as pesquisas em AD se baseiem na materialidade textual, sabe-se muito pouco sobre similaridades e diferenças de textos e linguagens de especialidade. Nesse sentido, a Linguística de Corpus pode contribuir, portanto, de modo significativo, pois seus métodos podem ser aplicados a grandes quantidades de textos para descrever elementos discursivos, assim como para medir a repercussão de qualquer produção, individual ou coletiva, de acordo com a expectativa de padrões de uso dos termos.

Os dados estatísticos fornecem indícios de utilização de um determinado conjunto léxico que pode revelar uma determinada tendência discursiva no dizer e também no não dizer. No que concerne à Análise de Discurso na tradução, as variações entre TOs e TTs, observadas pelos Estudos de Corpus, tendem a apontar as distinções das posições-sujeito, das formações discursivas e mesmo das ideologias adotadas por autor e tradutor. A Linguística de Corpus, em acordo com a Terminologia, permite que padrões de uso de diferentes expressões em tipos de linguagens distintas, suas frequências e chavicidade³ sejam estudados.

Conclui-se que a Linguística de Corpus é útil para estudos em diversas áreas das Ciências Linguísticas, incluindo a AD e que a interdisciplinaridade proposta nesse trabalho permite promover pesquisas de maior amplitude que revelam uma interação entre suas técnicas para a obtenção de novas leituras do processo tradutório.

3. MATERIAL E MÉTODO

Para essa investigação, foi compilado um corpus principal paralelo, constituído pela obra *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil* (OPB), de autoria de Darcy Ribeiro, publicada no ano de 1995, e a respectiva tradução para o inglês, realizada por Gregory Rabassa, sob o título *The Brazilian People: formation and meaning of Brazil*, publicada em 2000.

O levantamento dos dados foi realizado com o auxílio do programa *WordSmith Tools* e de duas de suas principais ferramentas, a saber: *WordList* e *Concord*.

4. ANÁLISE DOS RESULTADOS

Linguística de Corpus e Terminologia apresentam-se como importantes ferramentas para a pesquisa em AD em TOs e TTs, pois fornecem dados acerca das características da materialidade textual como, por exemplo, as diferenças e semelhanças de frequência de uso de vocábulos e de seus correspondentes pelos sujeitos autor e

³ Compreende-se por chavicidade a relação estatística entre a ocorrência de dada palavra em um corpus de estudo e a importância que assume para o léxico de uma área de especialidade.

tradutor. Observa-se, com isso, a ocorrência de determinados termos e expressões adotados por Ribeiro para descrever o ideário do papel da mulher na consolidação do povo brasileiro e as escolhas lexicais apresentadas por Rabassa na concepção de um novo discurso para a tradução desses contextos no interior da AC.

Considera-se que, diante das formações discursivas e da memória discursiva presentes em diferentes historicidades, os efeitos de sentido produzidos sobre a identidade da mulher podem ser alterados durante o processo tradutório.

Nesse sentido, a investigação das listas de frequência formuladas pela ferramenta *WordList* possibilita encontrar possíveis variações entre os discurso do autor (Ribeiro) e do tradutor (Rabassa). Abaixo, apresenta-se a Tabela 1, com o número de frequência de uso das palavras mulher e mulheres.

Vocábulos em Língua Portuguesa	Frequência
Mulher	18
Mulheres	61

Tabela 1: Frequência de uso do vocábulo *mulher* e de seu plural no subcorpus principal do TO

Os dados mostram que Ribeiro optou, em sua produção discursiva da AC, por utilizar com maior frequência o substantivo feminino plural: mulheres. Dessa forma, pode-se inferir que a definição adotada para descrever a influência feminina no Brasil, dentro dessa área de especialidade, constitui-se na ideologia de coletividade e agrupamento social. O autor, enquanto produtor de sentido, desenvolve formações ideológicas que promovem a ideia de unidade entre os núcleos de mulheres. Não considera, portanto, somente a mulher branca, a mulher indígena, a mulher negra, mas todo um conjunto de sujeitos que historicamente e socialmente contribuíram para a constituição do povo brasileiro. Além disso, o uso do plural em sua teoria pode nos fornecer duas leituras prévias, ou seja, a primeira, desvelando a força participativa de formação de um grupo social especificamente feminino; e a segunda, caracterizando uma generalização e suposta ausência de voz individual do agente social mulher.

Quanto ao processo de formação discursiva para o papel da mulher no contexto da obra traduzida, abaixo, encontra-se a Tabela 2, com a frequência do vocábulo *woman* em inglês e com seu uso nas funções gramáticas de singular e plural.

Vocábulos em Língua Portuguesa	Frequência
Woman	15
Women	98

Tabela 2: Frequência de uso do vocábulo *woman* e de seu plural no subcorpus principal do TT

O tradutor assume o papel de sujeito produtor de sentido e passa a tomar o TO como interdiscurso para produção de sua própria discursividade. No âmbito das formas de singular e plural, ao somarem-se as ocorrências no TO e no TT, compreende-se que o número de substantivos em inglês apresenta-se maior após o processo tradutório. Esse pode ser um indício de possível reafirmação do sentido de mulher e de sua femilidade, muito embora, para a Teoria da Tradução, esse aumento possa tratar-se apenas de uma variação nas escolhas lexicais do tradutor.

Sabe-se que cada povo elabora sua visão de mundo a partir de perspectivas particulares e que isso interfere na relação entre TOs e TTs. Sendo assim, os tradutores precisam recorrer a dados linguísticos diferentes para produzir mensagens aceitáveis para a fluência da cultura de chegada ou cultura alvo.

Ainda no âmbito das relações entre singular e plural, nota-se que a soma de frequência em português é 79 ocorrências. No TT, esse número sobe para 113, isto é, o tradutor, em sua posição-sujeito, termina por enfatizar a presença feminina em trechos, marcando, assim, o papel desse ator social na formação da sociedade brasileira. Pode-se dizer que, no TO, que tem como leitores o público do Brasil, alguns sentidos que se constituíram historicamente sobre o sujeito feminino na sociedade brasileira são facilmente retomados, pois alcançam o nível do pré-construído. Nesse sentido, pode-se pensar que as imagens e os sentidos produzidos pelos leitores brasileiros sobre a mulher são, consideravelmente, distintos daqueles construídos pelo público falante da língua inglesa. Elementos folclóricos e culturais, como, por exemplo, as mulatas, as mucamas, as escravas e outras posições sociais ocupadas pelo sexo feminino no Brasil, precisam ser traduzidos de forma que o TT explicita sua origem e sua atuação dentro da cultura brasileira.

Para ter uma ideia mais clara das diferentes produções de sentido, a partir da análise das palavras mais frequentes, procede-se à observação das linhas de concordância por meio da ferramenta *Concord*. Fazem-se presente, nas Tabelas 3 e 4, as expressões formadas pelos vocábulos mulher e mulheres presentes no TO e por seus respectivos correspondentes no TT :

MULHER
Mulher de Cor – Mulher Servil – Mulher Profeta – Mulher Indígena – Mulher Morena

MULHERES
Mulheres da Terra – Mulheres Hotentotes – Mulheres de Cor – Mulheres Brancas – Mulheres Índias – Mulheres Negras – Mulheres Indígenas

Tabela 3: Candidatos a expressões extraídos do corpus principal do TO

WOMAN
Indian Woman Slave – Woman of Color – Slave Woman – Indian Woman

WOMEN
Mulatto Women – Hottentot Women – Slave Women – Local Women – Indian Women – Black Women – Dark Women – White Women – Native Women – Mixed-blood Women (mulheres mestiças) – Indigenous Women – Lacking Women

Tabela 4: Candidatos a expressões extraídos do corpus principal do TT

Na tabela 3, primeiramente, pode-se observar, no corpus principal do TO, a construção de uma posição social, a de mulher servil, que historicamente caracterizou e significou um dos lugares ocupados pela figura feminina no Brasil. Em seu texto, Ribeiro marca a posição de serva que estava reservada a algumas mulheres, a posição, portanto, daquela que deveria se submeter para depois servir. Essa posição social igualmente se faz presente no corpus principal do TT, como nas expressões *indian woman slave*, *slave woman* e *slave women*. Expressões que também trazem em si o sentido de “mulher escrava”.

Rabassa, atingido por uma memória que se constituiu sobre a escravidão evidenciada no território brasileiro, também constrói em seu texto a imagem de uma mulher indígena que, culturalmente, foi submetida a formas de servidão e escravidão (*indian woman slave*). A partir da estruturação dessa imagem e, conseqüentemente, da posição da índia escrava, o tradutor, discursivamente, busca assinalar em seu trabalho o

lugar da Índia escrava/servil. Lugar esse que se deu já nos primórdios da história do Brasil colônia. Não há como apagar dizeres e sentidos sobre a escravidão, não há como silenciar uma memória que igualmente faz parte da constituição de um povo, já que os sentidos emergem independente da vontade ou da intenção dos falantes, manifestando-se, até mesmo, no próprio texto traduzido.

Nessa perspectiva, pode-se dizer que, segundo a ideologia de Rabassa, a sociedade brasileira também se estruturou com a escravidão da mulher indígena. Além disso, em Rabassa, a servidão feminina não é pensada somente em sua forma individual (*slave woman*), mas em sua forma coletiva (*slave women*), demarcando, dessa maneira, não um grupo, mas todo um coletivo de mulheres que, de um modo ou de outro, passou por um processo histórico de sujeição e exploração. Finalmente, vale observar que, no TT, a posição da mulher que serve está marcada por três expressões principais, a saber: *indian woman slave*, *slave woman* e *slave women*, ao contrário do TO, que aparece constituído somente pela expressão mulher servil.

Agora, analisando os enunciados mulher de cor, mulher indígena, mulher morena, mulheres de cor, mulheres brancas, mulheres índias, mulheres negras e mulheres indígenas, presentes no corpus do TO, e *woman of color*, *indian woman*, *mulatto women*, *indian women*, *black women*, *dark women*, *white women*, *mixed-blood women* e *indigenous women*, presentes no corpus do TT, nota-se uma preocupação tanto por parte de Ribeiro, quanto por parte de Rabassa, em assinalar a presença marcante de dois grupos étnicos e raciais na formação do povo brasileiro, a saber: o negro e o indígena.

Preocupação que fica ainda mais visível no TT, por meio da construção de termos e, conseqüentemente, de significados que não apresentam uma correspondência direta no TO, como *mulatto women*, *dark women*, *mixed-blood women*, termos associados à ideia da mulata, da morena e da mestiça, o que, em língua portuguesa acaba por evidenciar bem mais o fator racial que a questão do feminino. Esses termos trazem em si não só a imagem de feminino, presente no vocábulo *women*, mas também a imagem de uma descendência negra, presente nos adjetivos *mulatto*, *dark* e *mixed-blood*. A partir disso, entende-se que o tradutor projeta em seu texto o sentido de que a população feminina é uma população basicamente formada a partir de sua relação com negros e indígenas, caracterizando, com isso, a chamada mestiçagem, não só da cor da pele, mas também da cultura, da ideologia e de posições sociais que são edificadas a partir do lugar que foi ocupado historicamente pelo sujeito. Além disso, o tradutor igualmente defende no TT a presença indígena ao dar grande ênfase a expressões como *indian woman* e *indian women*. Essas expressões ocorrem 23 vezes em todo o TT de Rabassa e apresentam correspondentes diretos somente em quatro situações do texto de Ribeiro.

É importante chamar a atenção também para a expressão mulheres da terra, presente no TO, e para as expressões *local women* e *native women*, presentes no TT, que, simbolicamente, ajudam a definir o sujeito feminino a partir de uma referência espacial (“terra”, “local”, “nativo”). Além do mais, essas expressões podem ser retomadas discursivamente ao descrever a mulher, no caso a indígena, como um sujeito natural do Brasil. Há, nessa medida, também a estruturação de um discurso de exclusão na medida em que ser mulheres da terra, *local women* ou *native women*, é não ser, portanto, estrangeira.

A partir das escolhas lexicais trazidas na tabela acima, nota-se que alguns termos e expressões culturalmente marcados e que fazem parte do contexto sócio-histórico do povo brasileiro são evidenciados no TT, mostrando a postura do sujeito-tradutor que prefere deixar claro os papéis sociais historicamente assumidos pela população feminina e também os atores sociais do contexto de interação do universo da mulher.

Encontra-se logo abaixo a Tabela 5 com dois trechos em que Rabassa optou pelo uso das expressões *indian women* e *black women*, explicitando seus possíveis correspondentes no TO:

<p>Nóbrega points out that it was not necessary to send any women or boys to Pernambuco as there were many daughters of white men and native Indian women, "all of whom now will marry with the aid of the Lord" ("Letter," 1551, in Nóbrega 1955, 102). They were the mamelucas, entering the history of Brazil along with their mothers before them. No longer Indian, they were trying to find a place in some category of respect-able people.</p>	<p>Nóbrega assinala que para Pernambuco não era necessário mandar mulheres nem meninos, por haverem muitas filhas de homens brancos e de índias da terra, "as quais todas agora casarão, com a ajuda do Senhor" (carta de 1551 in Nóbrega 1955:102). Eram as mamelucas, ingressando na história do Brasil, como suas mães primárias. Já não sendo índias, procuravam espaço para ser alguma categoria de gente digna.</p>
<p>After the first abolition law—the Law of the Free Womb, which freed the children of slave women—the plantation owners in areas with the greatest concentration of slaves ordered that the offspring of their black women be abandoned on roads and in nearby villages, for since these babies were no longer their possessions, the plantation owners felt no further obligation to feed them.</p>	<p>Depois da primeira lei abolicionista - a Lei do Ventre Livre, que liberta o filho da negra escrava, nas áreas de maior concentração da escravaria, os fazendeiros mandavam abandonar, nas estradas e nas vilas próximas, as crias de suas negras que, já não sendo coisas suas, não se sentiam mais na obrigação de alimentar.</p>

Tabela 5: Exemplos de uso da expressão *indian women* e sua relação com o termo *índias*

Os trechos mostram como a posição-sujeito do tradutor pode ser assumida com maior autonomia, revelando sua presença no texto e a produção de um novo discurso independente e baseado em formações discursivas e ideológicas próprias. É importante pensar que em língua inglesa a relevância da palavra mulher é mais explícita e torna a própria linguagem mais enfática. Em português e na cultura brasileira, a ideia de índias e negras carrega cargas de sentido negativas somente em uma palavra. Os vocábulos “contém” em si as proposições de semântica de dois grupos, a saber: o indígena ou o negro e o feminino. No caso do inglês, tais noções subdividem-se em dois conceitos, aplicados a dois termos, trazendo à memória discursiva, primeiramente, o sentido de nativo, raça inferior e aculturado e, logo em seguida, a de grupo social submisso e sexualmente explorado.

A imagem que se estrutura da mulher negra, indígena ou mestiça, como um sujeito submisso, discriminado e explorado, fica mais clara nos seguintes enunciados retirados do TO: “Eram as mamelucas, ingressando na história do Brasil, como suas mães primárias. Já não sendo índias, procuravam espaço para ser alguma categoria de gente digna” e “(...) os fazendeiros mandavam abandonar, nas estradas e nas vilas próximas, as crias de suas negras que, já não sendo coisas suas, não se sentiam mais na obrigação de alimentar”.

No primeiro enunciado, observa-se que as “mamelucas” (filhas de índias com branco), não eram vistas como cidadãs pela sociedade brasileira, daí a necessidade, marcada no texto por Ribeiro, em buscar uma dignidade enquanto sujeitos pertencentes ao Brasil, uma vez que “(...) não sendo índias, procuravam espaço para ser alguma categoria de gente digna”. O não reconhecimento da mulher negra enquanto membro da comunidade também se faz presente no segundo enunciado. Esse não reconhecimento se estende, ainda, para os seus filhos, abandonados pelos senhores de escravos em decorrência da “Lei do Ventre Livre”. Tais sentidos também são reproduzidos discursivamente no TT por Rabassa com a ajuda de paráfrases discursivas. Dessa forma, pode-se

dizer que o tradutor também transfere para o seu texto significações e posições anteriormente construídas no TO de Ribeiro.

Também foram analisadas amostras de cotextos do uso das expressões mulher da terra, mulheres de cor, mulher morena, mulher indígena, mulher branca e de sua respectiva tradução, a fim de observar se a construção do sentido sofre alterações no processo tradutório do discurso. Apresenta-se, por conseguinte, a Tabela 6 com a seleção dos cotextos das expressões supramencionadas:

Incapaz de atender aos apelos da gente boa da terra, que pedia mulheres portuguesas, a Coroa acabou por dignificar através da lei e por estimular mediante regalias e prêmios o cruzamento com mulheres da terra .	Unable to answer the appeals of the "better people" of the region who asked for Portuguese women, the Crown ended up honoring by law and stimulating through gifts and rewards unions with women of the land .
Provavelmente porque o povoamento do Brasil não se deu por famílias européias já formadas, cujas mulheres brancas combatassem todo o intercurso com mulheres de cor . (oposição entre mulheres brancas e mulheres de cor)	(...)probably because the populating of Brazil was not done by already formed European families whose white women fought against all intercourse with women of color .
Gilberto Freyre (1954) se enlanguedece, descrevendo a atração que exercia a mulher morena sobre o português, inspirado nas lendas da moira encantada e até nas reminiscências de uma admiração lusitana à superioridade cultural e técnica dos seus antigos amos árabes.	Gilberto Freyre (1954) waxes languid as he describes the attraction exercised by dark women over the Portuguese, who were inspired by the legends of the enchanted Moorish maiden, and even in reminiscences of a Lusitanian admiration for the cultural and technical superiority of their ancient Arab masters.
Utilizando largamente a imensa disponibilidade de ventres de mulheres indígenas escravizadas, o incremento da população mestiça foi nada menos que miraculoso.	Through the widespread utilization of the immense availability of the wombs of enslaved indigenous women , the growth of the mixed-blood population was nothing less than miraculous.
É sabido quanto foi insignificante a proporção de mulheres brancas vindas para o Brasil. Nessas condições, recaiu sobre a mulher indígena a função de matriz fundamental, geralmente fecundada pelo branco.	How insignificant was the proportion of white women coming to Brazil is quite well known. Under those conditions the fundamental function as a source of population fell to native women, generally fertilized by white men.

Tabela 6: Exemplos de uso das expressões Mulheres da Terra, Mulher de Cor e Mulher Morena e os efeitos de sentido na tradução para a Língua Inglesa

Nos trechos expostos acima, primeiramente, verifica-se que os termos estudados apresentam como equivalentes no TT as expressões *woman of color*, *dark women*, *indian woman*, *indigenous women*, *white women*. São, portanto, expressões que não são criadas ou redimensionadas, mas recuperadas no fio do discurso. Pode-se dizer que não ocorre, aqui, somente uma retomada de vocábulos, mas uma retomada de alguns sentidos

apresentados por Ribeiro no TO. Desse modo, o TT também passa a ser constituído por uma série de outros discursos enunciados em outros momentos e sobre outras condições.

A partir disso, nota-se que Ribeiro reproduz, em seu trabalho, sentidos e imagens que histórica, cultural e socialmente se formularam sobre a população feminina no Brasil colônia, como se observa nos enunciados: “(...) a Coroa acabou por dignificar através da lei e por estimular mediante regalias e prêmios o cruzamento com “mulheres da terra”, “Nessas novas condições, a mulher de cor, que sempre foi parceira desejada e até especialmente apreciada para relações eventuais (...)”, “Por essa via, através dos séculos, a mulher indígena veio plasmando o povo brasileiro em seu papel de principal geratriz étnica (...)”, “Utilizando largamente a imensa disponibilidade de ventres de mulheres indígenas escravizadas (...)” (grifos nosso).

A partir das passagens extraídas do texto de Ribeiro, nota-se que a mulher, seja ela a da terra (mulher indígena), a de cor, a morena ou a indígena, era vista pela sociedade somente como parceira sexual, como aquela que deveria oferecer seu útero para povoar o Brasil, uma vez que o objetivo maior era utilizar “(...) a imensa disponibilidade de ventres de mulheres indígenas escravizadas (...)”. No TO, portanto, o homem aparece como aquele que buscava não o casamento legítimo, mas o “cruzamento com mulheres da terra”.

Nessa perspectiva, só se assumia casamentos com mulheres brancas e não com as mulheres da terra, de cor, indígenas ou morenas, essas últimas tomadas exclusivamente como parceiras eventuais no texto de Ribeiro. No TO, há, assim, a construção da imagem de um sujeito feminino que foi inferiorizado enquanto mulher e visto como uma alternativa para o povoamento do território conquistado, daí a necessidade de se estimular, por meio de benefícios, o “cruzamento” do homem branco com a mulher indígena, mestiça ou negra, considerada, dessa perspectiva, um animal passível de passar por “cruzamentos” sexuais.

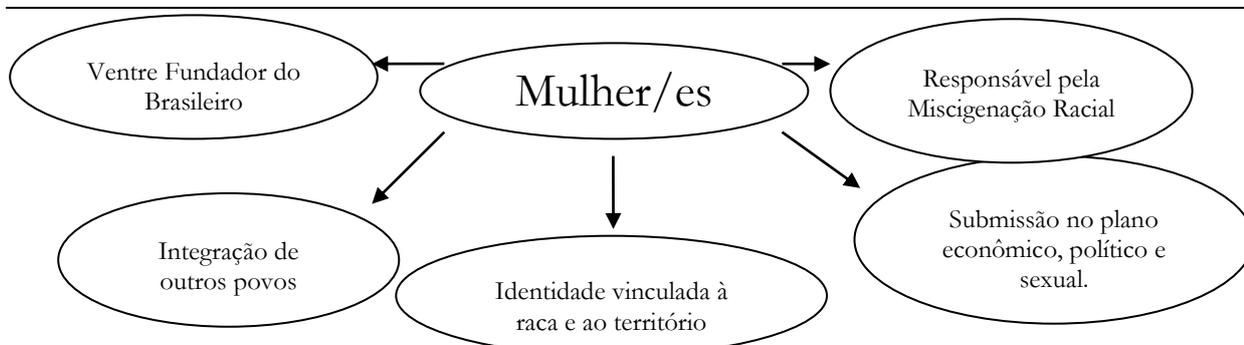
Já no TT, verifica-se que a palavra “cruzamento” foi substituída pelo vocábulo *unions*, proporcionando, com isso, uma espécie de apagamento da imagem da mulher enquanto animal. Porém, manifesta-se, no texto de Rabassa, alguns sentidos que se mantêm no texto de Ribeiro, como, por exemplo, a necessidade de se incentivar as relações sexuais entre mulheres indígenas e portuguesas e a utilização do corpo feminino para o povoamento do Brasil: “Under these new conditions the **woman of color**, who was always a desired and even specially appreciated partner for possible relations”, “Along that path, over the centuries, the *indian woman* went along shaping the Brazilian people in her role as the main ethnic breeder”, “Through the widespread utilization of the immense availability of the wombs of enslaved *indigenous women* (...)” (grifos nosso).

Tanto no TO quanto no TT, estrutura-se, ainda, uma posição social contrária entre a mulher branca e as mulheres da terra, a mulher morena, a mulher indígena e a mulher de cor, como nos enunciados a seguir retirados do TO: “Incapaz de atender aos apelos da gente boa da terra, que pedia mulheres portuguesas, a Coroa acabou por dignificar através da lei e por estimular mediante regalias e prêmios o cruzamento com mulheres da terra”, “Provavelmente porque o povoamento do Brasil não se deu por famílias européias já formadas, cujas mulheres brancas combatessem todo o intercuro com mulheres de cor” e “É sabido quanto foi insignificante a proporção de mulheres brancas vindas para o Brasil. Nessas condições, recaiu sobre a mulher indígena a função de matriz fundamental, geralmente fecundada pelo branco” (grifos nosso).

Nos enunciados, constata-se que há uma clara oposição entre duas classes de mulheres, as brancas, vindas da Europa, e as índias, pertencentes ao território brasileiro. Aquelas aparecem como sujeitos desejados pela “gente boa da terra”, já estas aparecem como sujeitos que, na ausência de mulheres brancas europeias, foram utilizados para atender as necessidades sexuais dos portugueses e para tornar o Brasil um lugar “habitável”. Dessa forma, pode-se dizer que no TO as mulheres brancas, ao contrário das mulheres índias e das mulheres mestiças, constituíam-se como indivíduos humanos desejados para formar uma família nos moldes

européus. Já as índias aparecem como animais que serviam para “cruzamentos” e para a “fecundação” pelo português. Há, a partir daí, uma oposição entre a mulher valorizada e a mulher, que mesmo explorada, serviu como ventre de fundação de um povo novo: o brasileiro.

Para ilustrar algumas das posições que são construídas discursivamente no TO, propõe-se, abaixo, o Quadro 1 com a configuração da formação de sentido do sujeito feminino nas obras de Ribeiro:



Quadro 1: Configuração da Formação de sentido de Mulher na obra de Darcy Ribeiro que compõe o corpus de estudo

A partir dessa configuração, pode-se dizer que a constituição do sujeito feminino darcyniano representa um grupo miscigenado, moreno e dominado pela estrutura social masculinizada, sendo determinado pelas vozes e pelos discursos que, na sociedade brasileira, delimitam qual a posição que a mulher deve e pode ocupar. Além disso, a depender de sua atividade enquanto cidadã para o desenvolvimento da sociedade nacional, a mulher brasileira aparece, no texto de Ribeiro, caracterizada e denominada a partir da sua cor e de lugares sociais que a ela foram historicamente atribuídos.

Assim, para entender o sentido de mulher, no Brasil, é preciso conceber sua historicidade. Chamar uma mulher de brasileira revela não só a presença de uma significação social, mas também discursiva. De modo geral, os enunciados apresentados nesse trabalho levam, discursivamente, à construção de um grupo que foi compreendido e integrado à sociedade a partir de uma submissão ao poder masculino. É importante notar que, em termos étnicos e raciais ocorre, de certa maneira, um processo de reconhecimento das mulheres negras e indígenas como as responsáveis pela gestão da nova etnicidade nacional.

Nas obras de Ribeiro, o sentido de mulher está bastante atrelado ao plano da territorialidade, o que é corroborado pelo TT de Rabassa. Em sua produção teórica, o antropólogo procura constituir um discurso que revele a existência de uma etnia brasileira, fundamentada no papel da mulher para a gestação e difusão de elementos culturais referentes às raças tidas como inferiorizadas. Ribeiro, portanto, opõe-se aos demais pesquisadores da área que insistiam em negar a existência de um amalgama formador da identidade nacional como um todo, mantendo a concepção de um conjunto de grupos sociais e culturais divididos. É importante perceber que Rabassa faz uso dessa ideologia do autor, constitutiva de sua formação discursiva, para formular a materialidade textual de seu próprio discurso.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

É importante notar que as ferramentas e utilitários do *software WordSmith Tools* facilitam a investigação e análise de grandes quantidade de dados, obtidos por processamento computacional com maior rapidez e precisão que manualmente. As linhas de concordância esclarecem dúvidas e fornecem o cotexto dos termos e expressões levantados, permitindo observar a organização das palavras dentro dos sintagmas. Dessa forma, na área de

Antropologia, observa-se que a maioria dos termos e expressões levantados se inter-relacionam, gerando sentidos específicos de acordo com os contextos sócio-políticos e culturais da sociedade brasileira.

A consulta dos corpora em formato eletrônico com base nos preceitos da Linguística de Corpus e da Terminologia permite analisar todas as ocorrências de termos simples e expressões fixas e semifixas, organizadas e destacadas em seus cotextos, promovendo o contato com as diferentes materialidades textuais que constituem os discursos em análise no TO e no TT.

Com relação a aproximações observadas entre os subcorpora principais, foi possível constatar que a maioria das ocorrências dos termos e das expressões levantadas no TO encontram correspondência no TT, como, por exemplo: “mulher negra” → *black woman*; “mulher de cor” → *woman of color*; e “mulher indígena” → *indigenous woman*.

Devido à boa parte dos termos e expressões analisados não constar em dicionários especializados, a busca por correspondentes traz dificuldade para o tradutor que poderá encontrar estratégias para expressar a sociedade brasileira para a cultura de chegada. De modo geral, Rabassa transfere para o TT sentidos e imagens que se manifestam no TO de Ribeiro. No entanto, o tradutor não deixa de explicitar sua posição discursiva ao revelar determinadas ideologias e visões de mundo.

A Linguística de Corpus auxilia na conclusão de que não ocorre qualquer tipo de traço linguístico ou extralinguístico de marcas de preconceito ou de apagamento do sujeito feminino, como poder-se-ia supor em um primeiro momento. O TT produz um sentido que lhe é próprio e reconstrói a imagem da mulher como um elemento indispensável à formação de um povo em constituição. É interessante notar a forma como Rabassa procura manter a ideologia promulgada por Ribeiro. Não há ocultação das vozes dos sujeitos nacionais, pelo contrário, no TT, vê-se que ocorreram explicitações do papel dos vários grupos étnicos para a formação da Nação. Também é importante destacar que, mesmo tendo notado a prevalência masculina sobre a constituição da identidade brasileira, o tradutor não optou por aproximar-se de ideias que elevariam a importância do sujeito masculino na sociedade colonial.

Uma vez que a tradução produz sentidos baseados no TO, pode-se dizer que o tradutor, de certa maneira, também reproduz em seu texto as ideologias presentes no TO. Ideologias essas que também são constitutivas do discurso do TT. Por ser pesquisador de temas e estudioso das relações culturais, Rabassa também transfere para o seu texto significações presentes no texto de Ribeiro, proporcionando, com isso, a transmissão, ao público leitor, de determinados conhecimentos culturais, regionais e étnicos do povo brasileiro.

Com isso, acredita-se que esse estudo comparativo possa oferecer uma contribuição para os Estudos da Tradução Baseados em Corpus, para a Linguística de Corpus e para a Análise do Discurso. Espera-se também que essa investigação forneça subsídios a professores, pesquisadores, tradutores, alunos de tradução, bem como profissionais da área de Antropologia da Civilização, Antropologia Cultural, Antropologia Social e Ciências Sociais.

6.REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

- AUBERT, F. H. . *As (in)fidelidades da tradução: servidões e autonomia do tradutor*. 1. ed. Campinas: EDUNICAMP, 1993.
- AUTHIER-REVUZ, J. Heterogeneidade (s) enunciativa (s). Tradução de Celane M. Cruz e João W. Geraldi. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, n.19, p. 25-42, jul./dez. 1990. Tradução de: *Hétérogénéités énonciatives*, 1984.
- _____. Heterogeneidade mostrada e heterogeneidade constitutiva. In: AUTHIER-REVUZ, J. *Entre a transparência e a opacidade: um estudo enunciativo do sentido*. Tradução de Leci Borges Barbisan e Valdir do Nascimento Flores. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.
- BARROS, L. A. *Curso básico de Terminologia*. São Paulo: EDUSP, 2004.
- BAKER, M. *In other words: a coursebook on translation*. London and New York: Routledge, 1992.
- _____. Corpus linguistics and translation studies: implications and applications. In BAKER, M.; FRANCIS, G.; TOGNINI-BONELLI, E. (Org.). *Text and technology: in honour of John Sinclair*. Amsterdam: John Benjamins. 1993, p. 233-250.
- _____. Corpora in translation studies: an overview and some suggestions for future research. *Target*, Amsterdam, v. 7. n2. 1995, p. 223-243.
- _____. Corpus-based translation studies: the challenges that lie ahead. In: SOMERS, Herald. (Ed). *Terminology, LSP and translation studies in language engineering: in honour of Juan C. Sager*. Amsterdam: John Benjamins. 1996, p. 177-186.
- _____. Linguística e estudos culturais: paradigmas complementares ou antagônicos nos estudos da tradução? In: MARTINS, M. A. P. (Org). *Tradução e multidisciplinaridade*. Rio de Janeiro: Lucena. 1999, p. 15-34.
- _____. Towards a Methodology for investigation the style of literary translation. *Target*, Amsterdã, V. 12, n. 2. 2000, p.241-266.
- BERBER SARDINHA, T. *Linguística de Corpus*. Barueri, SP: Manole, 2004.
- BIBER, D.; CONRAD, S.; REPPEN, R. *Corpus Linguistics: Investigating Languages Structure and Use*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.
- CAMARGO, D.C. *Metodologia de pesquisa em tradução e linguística de corpus*. São Paulo: ultura Acadêmica/São José do Rio Preto: Laboratório Editorial. (Coleção Brochuras,v.1) 2007.
- MITTMANN, S. *Notas do tradutor e processo tradutório: análise e releção sob uma perspectiva discursiva*. Porto Alegre: UFRGS Editora, 2003.
- ORLANDI, E.P. Análise do Discurso: algumas observações. *D.E.L.T.A.*, São Paulo, v.2, n.1., p. 105-126, 1986.
- _____. *Discurso e leitura*. 2. ed. São Paulo: Cortez; Campinas: Unicamp, 1993.
- _____. O lugar das sistematicidades linguísticas na Análise do Discurso, *D.E.L.T.A.*, São Paulo: v.10, n.2., p.295-307, 1994.
- _____. *Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. Petrópolis: Vozes, 1996.

_____. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. Campinas/SP: Pontes, 1999.

ORLANDI, E.P.; GUIMARÃES, E. Unidade e dispersão: uma questão do texto e do sujeito. In: ORLANDI, E.P. (Org.) *Política linguística na América Latina*. Campinas: Pontes, 1988.

PÊCHEUX, M. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Tradução de Eni P. Orlandi. Campinas: Pontes, 1990. Tradução de: *Discourse: structure or event?*, 1983.

_____. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Tradução de Eni P. Orlandi. [et al.] 2.ed. Campinas: Unicamp, 1995. Tradução de: *Les vérités de la Palice*, 1975.

_____. O mecanismo do (des) conhecimento ideológico. In: ZIZEK, S. (Org.). *Um mapa da ideologia*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1966. p.143-166.

PÊCHEUX, M.; FUCHS, C. A propósito da Análise Automática do Discurso: atualização e perspectivas. Tradução de Péricles Cunha. In: GADET, F.; HAK, T. (Org.) *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. 2. ed. Campinas: Unicamp, 1993, p. 163-252. Tradução de: *Mises au point et perspectives à propos de l'analyse automatique du discours*, 1975

_____. *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

_____. *The Brazilian People: formation and meaning of Brazil*, Translated by Gregory Rabassa. Gainesville: University Press of Florida, 2000.

SERRANI INFANTE, S. M. *A linguagem na pesquisa sociocultural: um estudo da repetição na discursividade*. Campinas: Unicamp, 1993.